

EXPECTATIVAS ESCOLARES E PROFISSIONAIS DE ADOLESCENTES GRÁVIDAS ENVOLVIDAS COM BULLYING

Karla Rangel RIBEIRO^{1*}, Rosalee Santos Crespo ISTOE¹, Carlos Henrique Medeiros de SOUZA¹, Fernanda Castro MANHÃES¹, Eduardo SHIMODA², Viviane Rangel Ribeiro MANHÃES³ & Rachel Crespo HENRIQUES⁴

¹ Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF/Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

² Universidade Candido Mendes-Campos, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

³ Institutos Superiores de Ensino do CENSA, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil.

⁴ Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

*Autor para correspondência: karlarangelribeiro@yahoo.com.br

RESUMO

A gravidez na adolescência e a prática do bullying são considerados problemas podem apresentar impactos negativos sobre o futuro das adolescentes. O objetivo do presente trabalho foi as expectativas de mães adolescentes de uma escola da rede pública em Campos dos Goytacazes quanto aos estudos e vida profissional. Foram aplicados 324 questionários, durante os meses de maio e junho de 2012, em um colégio estadual visando captar as percepções das alunas quanto aos temas. Foi verificado que, após a gravidez, as mães adolescentes envolvidas com bullying passaram a atribuir maior importância à conclusão dos estudos, passaram a ter maior pretensão de fazer faculdade e ficaram mais otimistas quanto às oportunidades profissionais. Por outro lado, é bastante preocupante a situação das alunas que tiveram filho após a adolescência e que foram agressoras no bullying. Antes da gravidez, já era o grupo que menos tinha pretensão de fazer uma faculdade e, após a gravidez, esta pretensão diminuiu ainda mais.

Palavras chave: gravidez, adolescência, bullying, expectativas.

ABSTRACT

Teenage pregnancy and bullying are considered problems can have negative impacts on the future of adolescents. The aim of this work was the expectations of adolescent mothers in a public school in Campos dos Goytacazes as the studies and professional life. 324 questionnaires were completed during the months of May and June 2012, in a state college aiming to capture the perceptions of students as to the themes. It was found that, in general, after pregnancy, mothers started to attach greater importance to the completion of studies, have been given greater pretense of going to college and became more optimistic about job opportunities. On the other hand, is very worrying situation of the students who had children after adolescence and were aggressive in bullying. Before pregnancy, it was the group that had less pretense of going to college, and after pregnancy, this claim further decreased.

Keywords: pregnancy, adolescence, bullying, expectations.

1 – Introdução

Faisal-Cury e Menezes (2008) afirmam que os adolescentes constituem um grupo diferenciado de pacientes, considerando o aspecto obstétrico-ginecológico, sendo a adolescência dividida em duas fases: inicial (10 – 15 anos) e final (15 – 19 anos). Por outro lado, a definição de adolescência, segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (BRASIL, 1990), é o período que compreende a faixa etária de 12 a 18 anos. Considerando a área de saúde, a delimitação de necessidades dos jovens tem se apoiado em uma definição de adolescência de base etária (10 aos 19 anos). Esta faixa etária caracterizada por grandes transformações físicas, psicológicas e sociais (WHO, 1986). A adolescência representa um período da vida cujo desenvolvimento torna o indivíduo apto a perpetuação e reprodução da espécie. Como o desenvolvimento psíquico ocorre após o orgânico, a adolescente pode chegar aos ciclos ovulatórios que indicam a maturidade orgânica para a reprodução, passando a apresentar corpo de mulher jovem e fértil, sem ainda ter amadurecimento emocional para administrá-lo (BERLOFI et al., 2006).

A gravidez durante o período de adolescência afeta de forma transversal todas as nações mundiais, verificando-se frequência de incidência muito variáveis. Ao longo da história foi comum o casamento e o parto em idades abaixo dos 15 anos (METELLO et al., 2008). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1999) mostram que a taxa de fecundidade no grupo de mulheres entre 15 e 19 anos apresentou aumento de 26% entre os anos 1970 e 1991, maior quando comparadas com as mulheres de 20 e mais anos de idade. No mesmo período, a taxa de fecundidade entre adolescentes de 10 a 14 anos foi duplicada, enquanto que a fecundidade de mulheres adultas apresentou uma curva decrescente sistemática e significativa. Dados do DATASUS, do período de 1994 a 1997, continuaram mostrando esta tendência, com a taxa de fecundidade aumentando de 2,0 para 3,2 em cada mil jovens entre 10 e 14 anos, e de 62,2 para 79,3 em jovens de 15 a 19 anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000). Em 2000, dos 2,5 milhões de partos realizados nos hospitais públicos do país, 689 mil foram de adolescentes com menos de 20 anos de idade, em sua maioria pertencente às camadas populares. A literatura também revela que é maior o predomínio de gravidez não planejada/não desejada, entre mães adolescentes, como também um fraco vínculo entre mãe e bebê no período pré-natal (FREITAS; BODEGA, 2002). Michelazzo et al. (2004) realizaram estudo em Ribeirão Preto e observaram aumento do número de partos entre adolescentes, sendo a maioria normal. Tanto a proporção de partos pelo SUS quanto a proporção de partos vaginais foi maior entre a população de adolescentes. Houve predomínio de adolescentes com atividades no lar e sem remuneração. Recomendaram, assim, medidas para prevenção de gestação na adolescência, com ênfase à população mais carente.

Esse período da vida, estruturado pela classe social, é vivenciado diferenciadamente pelo adolescente e pela adolescente. Relações de gênero também impõem padrões comportamentais que cada um deve cumprir. Com as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, principalmente o aumento da escolaridade, espera-se que as mulheres não sejam apenas boas esposas e mães, mas que também se qualifiquem e tenham uma carreira profissional (ALMEIDA, 2002).

Dentre os fatores que determinam a saída da adolescente da escola, antes do nascimento do filho estão o constrangimento e as pressões de diretores, professores, colegas e pais de colegas. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) afirma que a gravidez na adolescência é uma porta de entrada para a pobreza, pois leva à diminuição do leque de possibilidades sociais e econômicas, inclusive em termos do acesso à escola (BARALDI et al., 2007). Cerqueira-Santos

(2010) relata que os jovens com bons níveis de desempenho escolar e aspirações acadêmicas têm maior probabilidade de adiar a sua iniciação sexual e buscar meios contraceptivos, assim como, em recorrer um aborto, no caso de engravidarem.

Stevenson, Maton e Teti (1998) sugerem que a evasão escolar, nos Estados Unidos, estaria fortemente associada a fatores sociais e a características individuais, como suporte emocional e psicológico. Ainda, o estudo realizado revelou que as adolescentes grávidas mostraram-se estimuladas a continuarem os estudos durante o período gestacional, reconhecendo a importância do mesmo. Em um estudo realizado em 180 instituições de ensino público da Colômbia, foi verificada desistência 8 vezes maior em adolescentes grávidas quando comparadas às demais adolescentes. Considerando que o risco de abandono como resultado de gravidez é maior na escola entre as idades de 12 e 15 anos, os autores recomendam que devem ser incentivados esforços de prevenção da gravidez, principalmente nos graus mais baixos de ensino médio com a intenção de aumentar acadêmica e social oportunidades no grupo de jovens (OSORIO; HERNÁNDEZ, 2011). De acordo com Bhana et al. (2010), em estudo realizado na África do Sul, as atitudes e práticas dos professores têm influência sobre a permanência das adolescentes grávidas na escola. De acordo com os autores, a gravidez na adolescência corresponde a um problema social, que pode implicar em efeitos negativos e destrutivos da vida acadêmica das alunas.

A impressão que se tem quando se fala em violência é que está relacionada a agressão física por meio de um ato presencial. Mas o conceito é muito mais abrangente. Violência engloba a agressão moral, a ofensa verbal, seja ela escrita ou falada, e até mesmo atitudes que não erradicam uma briga, mas que doem nos ouvidos e na consciência de quem a recebe. A violência, segundo Michaud (1989), ocorre quando um ou mais atores sociais causam danos a uma ou mais pessoas. Ainda, constituem atos de violência aquelas cometidas contra a integridade física ou moral, em posse ou participação simbólica e cultural. Esse conceito diz respeito a uma violência marcada abstratamente, sem incluir aí a parte física. Mas se faz importante também discutir um pouco sobre a violência que fere a integridade física, já que ela é a forma mais concreta do que se chama violência e agressividade.

Embora as diversas formas de intimidação sejam recorrentes a muito tempo, artigos científicos e estudos sistematizados relacionados ao tema são relativamente recentes, sendo as publicações nacionais raras. Sabe-se que o bullying é um tema muito discutido na Noruega (OLWEUS, 1991), Portugal (ALMEIDA; LISBOA; CAURCEL, 2007; FREIRE; SIMÃO; FERREIRA, 2006; PEREIRA, 2002), Espanha (RAMÍREZ, 2001) e nos Estados Unidos (VALLES JUNIOR, 2007).

No Brasil, o interesse pelo estudo do bullying é mais recente, requerendo esforços para que se possa compreendê-lo e propor intervenções mais articuladas com a realidade do país. Como importantes referências, vale mencionar Fante (2003, 2005) que realizou estudos de caracterização de bullying em cidades do interior do estado de São Paulo-SP e Lopes Neto (2005) que junto da Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), desenvolveu o Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, com mais de 5.500 alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, ao investigar as características de tais atos, além de sistematizar estratégias para intervir e reduzir a agressividade entre os escolares; Mascarenhas (2006) que trabalhou com uma amostra de 300 sujeitos de diferentes turmas de Ensino Fundamental e Médio, Educação de Jovens e Adultos, além de professores, em uma investigação-ação na zona urbana de Porto Velho-RO, e que apontou à necessidade de medidas preventivas frente à gestão institucional do bullying e da

indisciplina. Conforme Fante (2003, 2005) e Lopes Neto (2005) os praticantes do bullying são conhecidos como autores agressores. Os alvos, as pessoas vitimizadas, geralmente sofrem as conseqüências do bullying e, na maioria das vezes são descritas como pouco sociáveis, inseguras, possuindo baixa auto-estima, quietas e que não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. De acordo com Lopes Neto (2005), Pizarro e Jiménez (2007) e Ramírez (2001) as testemunhas não participam diretamente em atos de bullying e geralmente se calam, por receio de tornarem-se as próximas vítimas.

De acordo com a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA, 2010), bullying compreende diversas formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Como não existem vocábulos na língua portuguesa capazes de expressar as situações de bullying possíveis, podem ser citadas algumas ações relacionadas, como: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences.

Lehti et al. (2011) realizaram um trabalho que visava verificar a existência de associação entre o envolvimento em bullying aos 8 anos de idade e a ocorrência de gravidez antes do 20 anos. A pesquisa, realizada na Finlândia, consistiu no acompanhamento de 2500 crianças do gênero feminino desde 1989 até 2001, sendo verificado se a criança, aos 8 anos, promoveu (agressor) ou sofreu (vítima) bullying, e se, aos 20 anos de idade, ela tinha engravidado. Para a análise estatística, foi utilizada a equação logística, que estima a probabilidade de ocorrência de um evento em função da existência de outros. Assim, foi encontrado que crianças praticantes de bullying (agressoras) aos 8 anos têm quase 3 vezes mais chance de engravidarem antes dos 20 anos. Comparadas às crianças não envolvidas em bullying, aquelas que foram vítimas de bullying tiveram 2,5 vezes mais chances de gravidez durante a adolescência. Os autores concluem afirmando que a associação entre bullying na infância e tornar-se mãe na adolescência é uma nova descoberta, que pode ter implicações práticas na educação em saúde sexual e prevenção de gravidez na adolescência, especialmente em ambientes escolares.

O objetivo do presente trabalho foi verificar as expectativas das adolescentes quanto ao futuro escolar e profissional, comparando os grupos de alunas de uma escola estadual em Campos dos Goytacazes envolvidas ou não com o bullying e mães ou não mães.

2 – Materiais e Métodos

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre adolescentes grávidas e, a partir deste, foi elaborado um questionário a ser aplicado a alunas de uma escola pública em Campos dos Goytacazes – RJ.

Os questionários consistiram em questões semi-dirigidas fechadas, visando captar as percepções das respondentes quanto as expectativas relacionados ao futuro escolar e profissional. As questões foram elaboradas com 5 alternativas em gradação, conforme a escala de Likert, e uma de abstenção (não sei / prefiro não opinar).

As entrevistas para aplicação do questionário foram realizadas entre os meses de maio e junho de 2012. Os questionários foram entregues a todas as alunas presentes na aula que eram maiores de idade, totalizando 324 entrevistadas, sendo o questionário respondido no horário da própria aula.

As entrevistadas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, concordando com a realização da pesquisa, havendo esclarecimento de que as informações são de cunho acadêmico e que informações que permitiriam identificar a entrevistada serão mantidas em sigilo.

As análises estatísticas consistiram na estatística descritiva, sendo apresentadas as frequências de respostas. Os resultados também foram estratificados de acordo com o período em que as entrevistadas tiveram filhos (durante ou após a adolescência) e de acordo com a participação na prática do bullying (não participantes, agressoras ou vítimas). Desta forma, foram constituídos os seguintes estratos:

- Não mães e não agressoras
- Não mães e agressoras
- Mães após a adolescência não agressoras
- Mães após a adolescência agressoras
- Mães durante a adolescência não agressoras
- Mães durante a adolescência agressoras
- Não mães e não vítimas
- Não mães e vítimas
- Mães após a adolescência não vítimas
- Mães após a adolescência vítimas
- Mães durante a adolescência não vítimas
- Mães durante a adolescência vítimas

3 - Resultados e discussão

3.1 Envolvimento das mães com o bullying

A Figura 1 apresenta a proporção de mulheres que estão envolvidas com bullying.

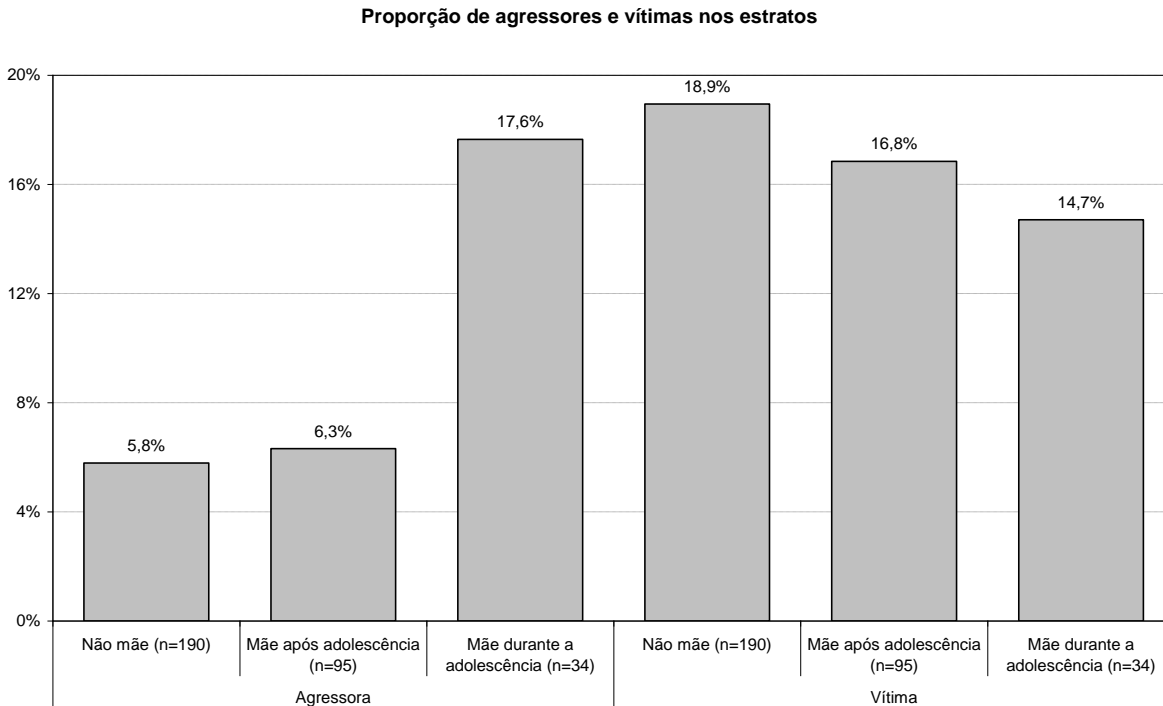


Figura 1- Proporção (%) de alunas agressoras ou vítimas do bullying.

Pode-se observar que a percentagem mais alta de mulheres que praticam/praticaram bullying são as mães adolescentes (17,6%), acima das mães que tiveram filhos na fase adulta (6,3%) e das não mães (5,8%). Por outro lado, mães adolescentes são aquelas que menos sofreram bullying (14,7%), sendo que não mães e as mulheres que tiveram filhos após a adolescência apresentaram maior proporção de vítimas do bullying (18,9% e 16,8%, respectivamente). Assim, de forma geral, verifica-se que a gravidez na adolescência está associada ao fato da pessoa ser agressora, o que corrobora Lehti et al. (2011), que encontraram que praticantes de bullying (agressoras) tem quase 3 vezes mais chance de engravidar. Por outro lado, no mesmo estudo, verificou-se que vítimas do bullying também têm maiores chances de engravidar durante a adolescência, o que não ocorreu no presente estudo, em que as mães adolescentes foram as que menos declararam terem sido vítimas de bullying (14,7%).

3.2. Importância de concluir estudos

As Figuras 2 e 3 mostram os resultados à questão da importância que as alunas atribuíram à conclusão dos estudos, antes e após a gravidez.

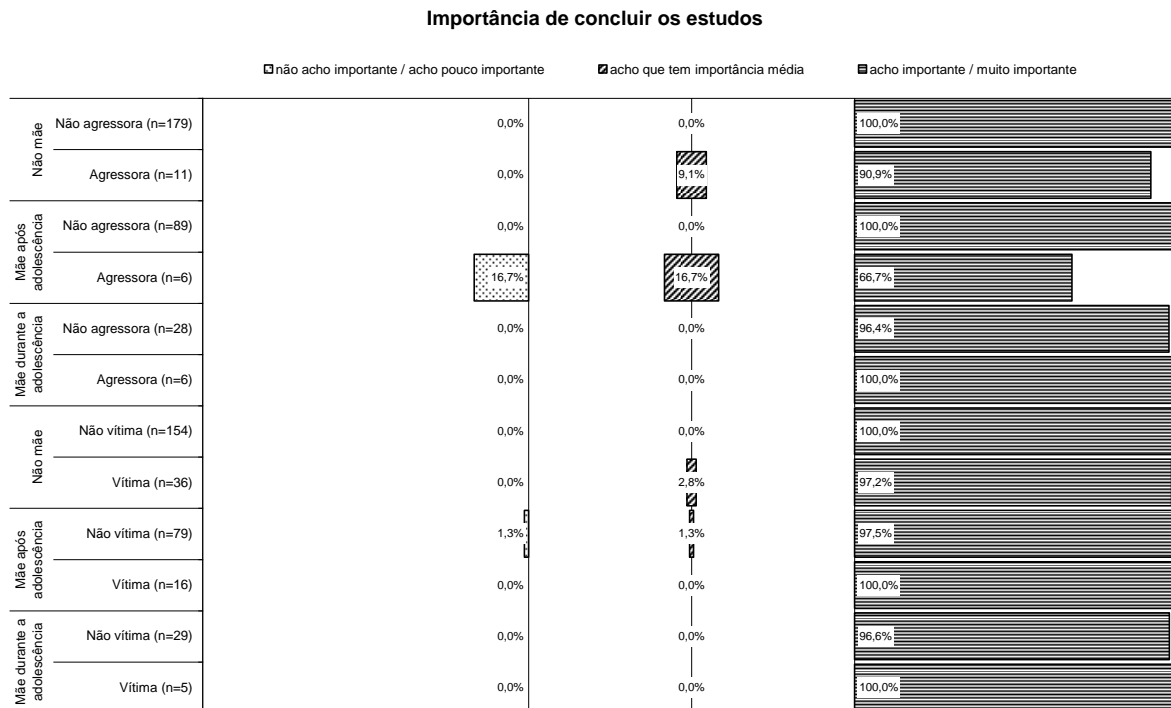


Figura 2- Importância de concluir os estudos antes da gravidez.

Observando-se a Figura 2, é possível constatar que existia, antes da gravidez, em praticamente todos os estratos, a consciência da importância de se concluir os estudos. Apenas entre as agressoras que não são mães e as que foram mães após a adolescência, verificou-se uma percentagem significativa de respondentes que não classificaram a conclusão dos estudos como “importante” ou “muito importante”.

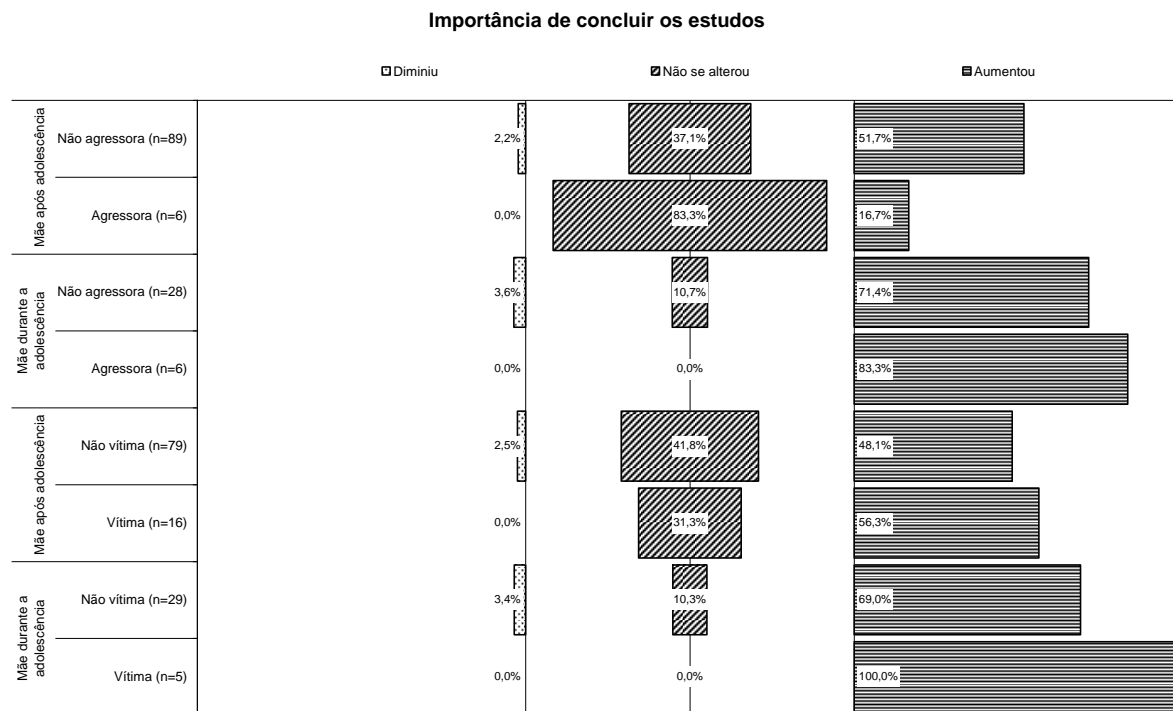


Figura 3- Importância de concluir os estudos após a gravidez.

À despeito da maioria das entrevistadas, antes da gravidez, terem consciência da importância de se concluir os estudos, de forma geral, após a gravidez, esta tendência se manteve, sendo que a maioria considerou que esta importância ou se manteve ou aumentou (Figura 3).

Este fato observado no presente estudo possivelmente possa ser explicado pelas mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas. De acordo com Almeida (2002), com o aumento da escolaridade, espera-se que as mulheres não sejam apenas boas esposas e mães, mas que também se qualifiquem e apresentem algum tipo de carreira profissional. Parece haver, no caso das entrevistas da pesquisa, uma consciência de que seria importante concluir os estudos, até pelo fato de que, a partir do nascimento do filho, a sua participação na obtenção de receitas na família aumentaria. Estes resultados corroboram, ainda, Stevenson, Maton e Teti (1998), que constataram que adolescentes grávidas muitas vezes reconhecem a importância dos estudos, sentido-se estimuladas a se manterem na escola mesmo durante o período de gestação.

3.3. Pretensão de fazer/concluir faculdade

Outro ponto que foi abordado no questionário diz respeito à pretensão das alunas em fazer ou concluir um faculdade, sendo os resultados apresentados nas Figuras 4 e 5.

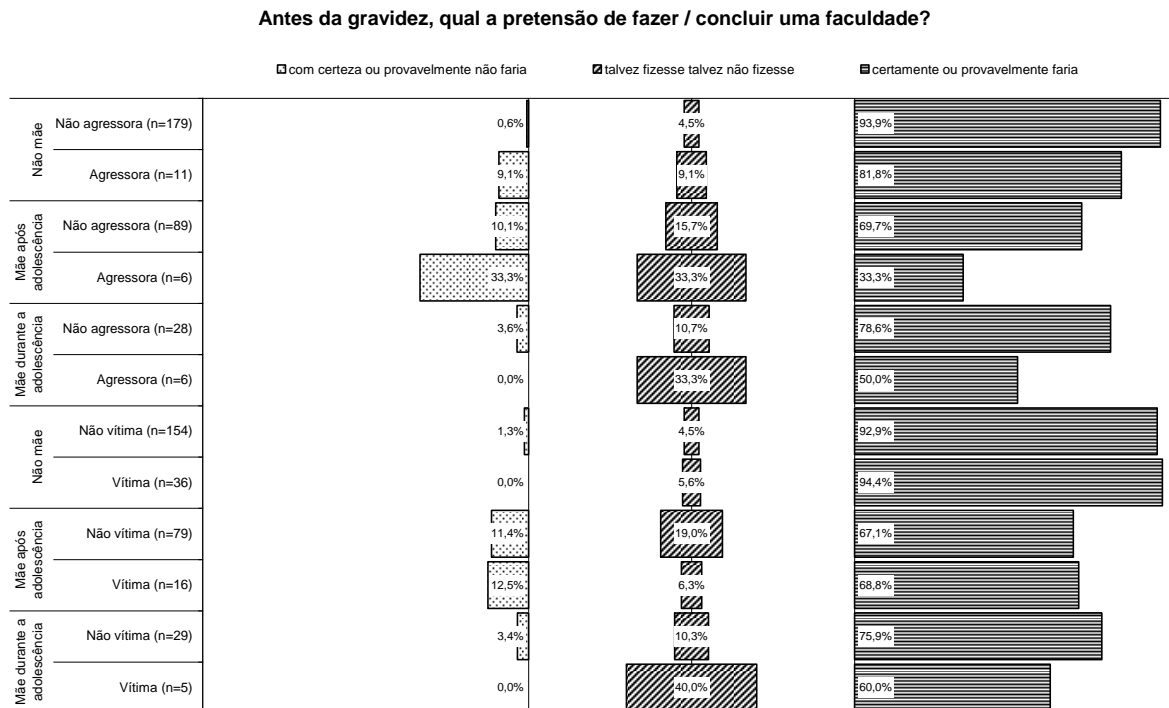


Figura 4- Pretensão de fazer ou concluir uma faculdade antes da gravidez.

À semelhança do observado anteriormente, na questões que se referiam à importância de se concluir os estudos, antes da gravidez, observa-se na Figura 4 que a maioria das entrevistadas pretendem fazer ou concluir uma faculdade. Por outro lado, sobressaem os resultados verificados entre as mães agressoras, independente do período em que tiveram filhos (durante ou após à adolescência), além das mães durante a adolescência que foram vítimas de bullying. Neste três estratos, existe uma parcela significativa de alunas que, antes de engravidarem, estavam em dúvida se fariam faculdade ou tendiam a não cursá-la. De acordo com Freitas e Botega (2002) e Vazquez e Piñeros (1997), estes resultados poderiam ser explicados pelo fato de adolescentes grávidas estarem mais propensas a adquirirem quadro depressivo.

Depois da gravidez, a sua pretensão de fazer / concluir uma faculdade

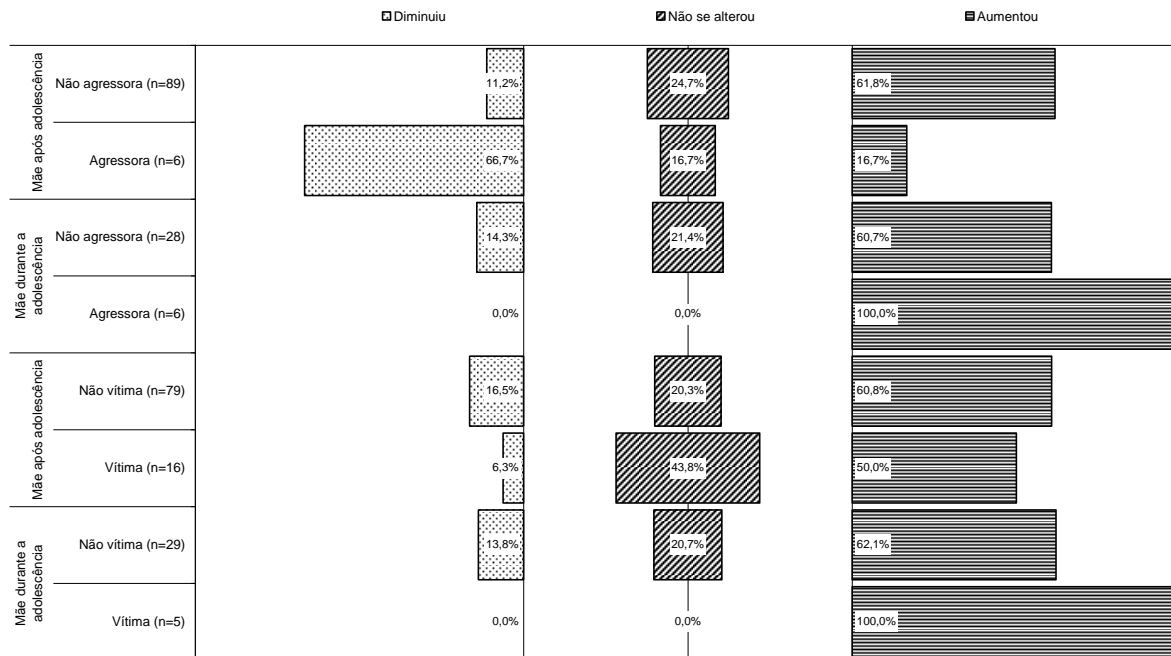


Figura 5- Pretensão de fazer ou concluir uma faculdade após a gravidez.

Analisando-se a Figura 5 de forma geral, percebe-se que, após a gravidez, as mães mantiveram ou aumentaram a vontade de cursar uma faculdade. Dois dos grupos citados anteriormente (mães durante a adolescência envolvidas com bullying como agressoras ou vítimas), modificaram a sua percepção. Antes da gravidez, estas alunas haviam demonstrado menor pretensão de fazer uma faculdade. No entanto, 100% delas declararam que, após a gravidez, a vontade de fazer um curso superior aumentou. Estes resultados vão de encontro à Rangel e Queiroz (2008), que afirmaram que a gravidez durante a adolescência seria um destruidor de planos futuros. O presente estudo constatou que, passado o período de gravidez, as adolescentes que retornaram aos estudos foram as que mais aumentaram a vontade de fazer/concluir uma faculdade. Ainda, Santos e Schor (2003) explicam que, para algumas adolescentes, a maternidade constitui uma experiência gratificante, o que poderia estimulá-las a cursar uma faculdade.

Por outro lado, é bastante preocupante a situação das alunas que tiveram filho após a adolescência e que foram agressoras. Antes da gravidez, já era um grupo que menos tinha pretensão de fazer uma faculdade e, após a gravidez, esta pretensão diminuiu ainda mais.

3.4. Oportunidade profissionais

Nas Figuras 6 e 7 é possível observar a percepção das alunas quanto às oportunidades profissionais antes e após a gravidez, respectivamente.

Oportunidades profissionais antes da gravidez

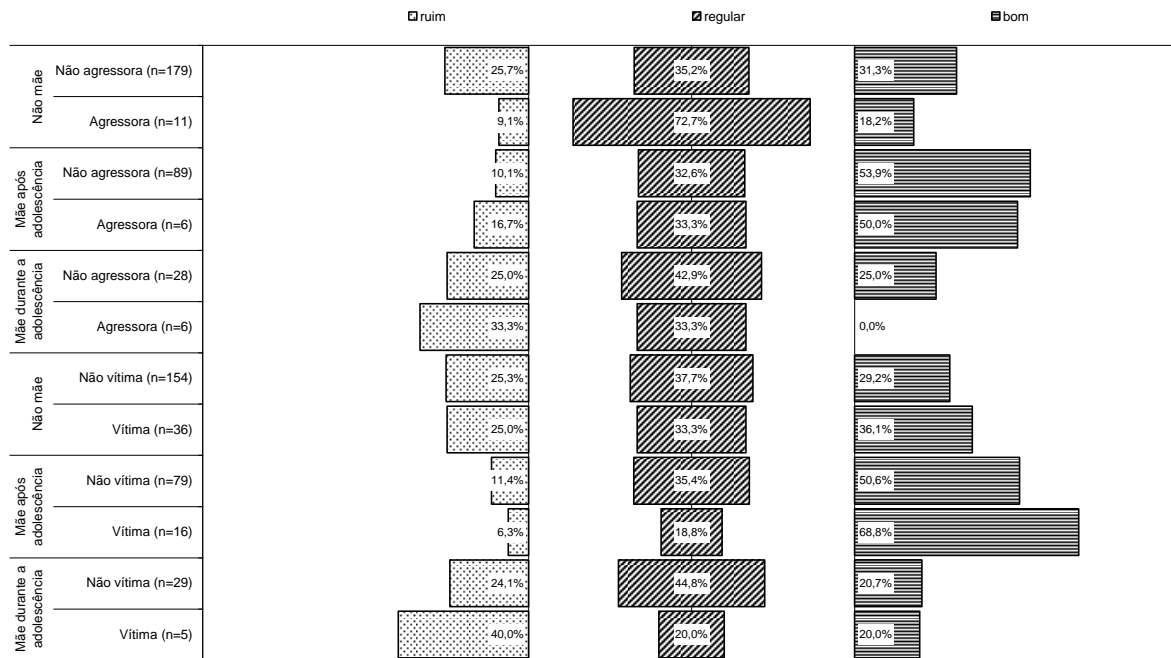


Figura 6- Oportunidades profissionais antes da gravidez.

Verifica-se, na Figura 6, que as alunas que tiveram filhos após a adolescência (agressoras ou não agressoras, vítimas ou não vítimas) são as mais otimistas quanto às oportunidades profissionais. Ressalta-se, por outro lado, um fato preocupante: mães durante a adolescência que estiveram envolvidas com bullying (agressoras ou vítimas) são as mais pessimistas. Mais do que 30% das agressoras e 40% das vítimas consideravam ruins as oportunidades profissionais antes da gravidez.

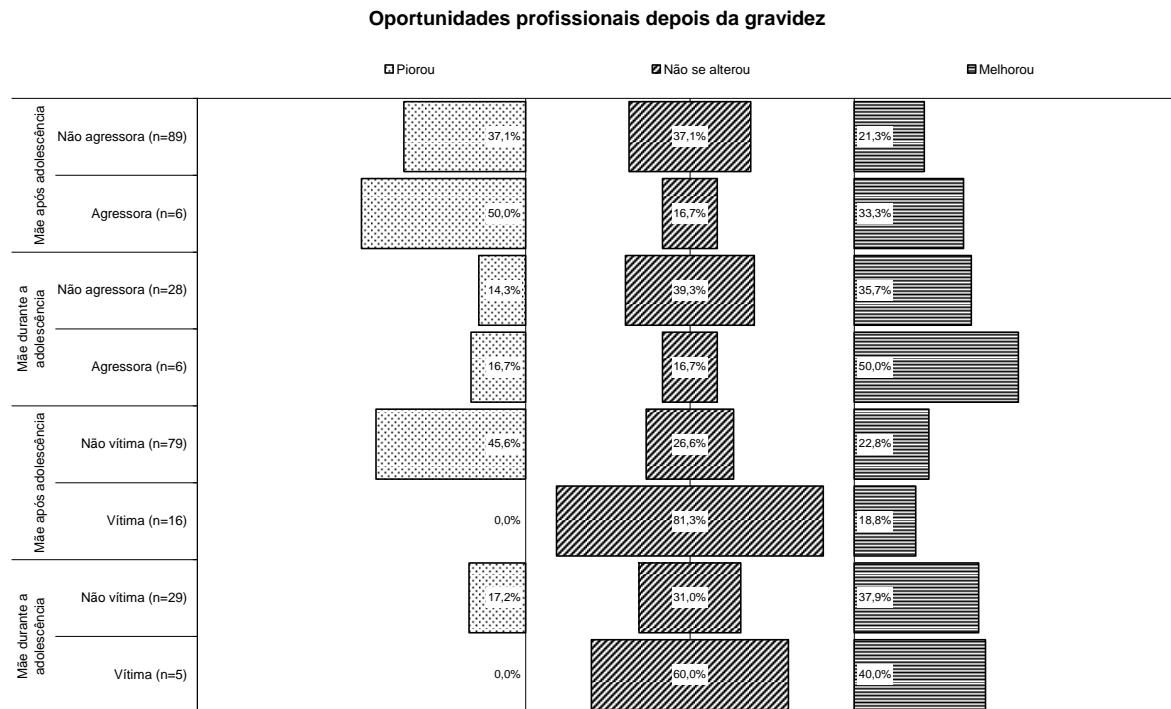


Figura 7- Oportunidades profissionais após a gravidez.

Comparando-se à percepção das alunas quanto às oportunidades profissionais antes (Figura 6) e após (Figura 7) a gravidez, nota-se um fato interessante, que atenua os resultados verificados no período anterior à gestação: as mães adolescentes envolvidas com bullying são as que mais declararam que as oportunidades melhoraram após a gravidez, sendo que dentre as agressoras, 50% informaram melhoria e, dentre as vítimas, 40% têm a percepção de melhoria. Estes resultados têm implicações importantes, uma vez que, de acordo com Bemfam (1997), a maternidade, nos dias atuais, competiria com a atuação das mães no mercado de trabalho. Pelo encontrado no presente trabalho, existe a percepção de que a gravidez até aumentaria as oportunidades profissionais, possivelmente, devido a maior responsabilidade adquirida pelas mães, que passariam a ter maior consciência da importância de estudar e contribuir financeiramente em casa.

4 – Conclusão

Constatou-se, pela pesquisa, que alunas que atuaram como agressoras no bullying têm maiores chances de engravidar durante a adolescência, enquanto que as alunas vítimas de bullying são menor propensas a ficarem grávidas. Ainda, adolescentes grávidas envolvidas com bullying têm a percepção de que importância de concluir os estudos, a pretensão de fazer uma faculdade e as oportunidades profissionais aumentaram após a gravidez. Por outro lado, alunas agressoras que tiveram filho após a adolescência eram as que menos tinham pretensão de fazer uma faculdade antes da gravidez e, após a gravidez, esta pretensão diminuiu ainda mais.

5 - Referências

ABRAPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência 2006. *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Disponível em www.bullying.com.br. Acesso em: 27 de março de 2010.

ALMEIDA, A.; LISBOA, C.; CAURCEL, M. J. ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, v. 41, n. 2, p. 107-118, 2007.

ALMEIDA, Margareth Aparecida Santini de. Gravidez adolescente: a diversidade das situações. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p.197-207, 2002.

BARALDI, Ana Cyntia Paulin et al . Gravidez na adolescência: estudo comparativo das usuárias das maternidades públicas e privadas. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 15, n. spe, out. 2007.

BEMFAM. *Pesquisa nacional sobre demografia e saúde 1996*. Rio de Janeiro: 1997. p. 181.

BERLOFI, Luciana Mendes et al. Prevenção da reincidência de gravidez em adolescentes: efeitos de um Programa de Planejamento Familiar. *Acta Paul. Enferm.*, São Paulo, v. 19, n. 2, p.196-200, 2006.

BHANA, D. et al. South African teachers' responses to teenage pregnancy and teenage mothers in schools. *Culture, Health and Sexuality*, v.12, n. 8, p. 871-883, 2010.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*. São Paulo: Cortez, 1990. 181p.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder et al . Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 15, n. 1, Mar. 2010 .

FAISAL-CURY, Alexandre; MENEZES, Paulo Rossi. Sexual activity among female teenagers: a comparison between two groups of middle class adolescents from a private clinic according to pregnancy status. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.*, Recife, v. 8, n. 3, set. 2008.

FANTE, C. A. Z. *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Verus. 2005.

FANTE, C. A. Z. *Fenômeno bullying: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz)*. São José do Rio Preto, SP: Ativa. 2003.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: Um questionário aferido para a população portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 19, n. 2, p. 157-183. 2006.

- FREITAS, G.V.S.; BOTEGA, N.J. Gravidez na adolescência: prevalência de depressão, ansiedade e ideação suicida. *Rev Assoc Med Bras*, v. 48, n; 3, p. 245-9, 2002.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios*. Distribuição da população residente, por Grandes Regiões segundo a situação do domicílio, o sexo e os grupos de idade – 1999 e 1998. Brasília (DF): IBGE; 1999.
- LEHTI, V. et al. Childhood bullying as a predictor for becoming a teenage mother in Finland. *Eur Child Adolesc Psychiatry*, v. 20, p. 49–55, 2011.
- LOPES NETO, A. A. *Bullying*: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- MASCARENHAS, S. Gestão do *bullying* e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). *Psicologia, Saúde & Doenças*, v. 7, n. 1, p. 95-107, 2006.
- METELLO, José et al. Desfecho da gravidez nas jovens adolescentes. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 12, dez. 2008.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. Sao Paulo: Atica, 1989.
- MICHELAZZO, Daniela et al. Indicadores sociais de grávidas adolescentes: estudo caso-controle. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 8, set. 2004.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria Executiva. *Informações de Saúde*. Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS). Brasília (DF); 2000.
- OLWEUS, D. *Bully/victim problems among schoolchildren*: Basic factors and effects of a school-based intervention program. Hillsdale, NJ: Erlbaum. 1991.
- OSORIO, I.; HERNÁNDEZ, M. Prevalencia de deserción escolar en embarazadas adolescentes de instituciones educativas oficiales del Valle del Cauca, Colombia, 2006. *Colombia Medica*, v. 42, n. 3, p. 303-308, 2011.
- PEREIRA, B. O. *Para uma escola sem violência*: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto, Portugal: Imprensa Portuguesa, 2002.
- PIZARRO, H. C.; JIMÉNEZ, M. I. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. *Revista Educación*, v. 31, n. 1, p. 135-144, 2007.
- RAMÍREZ, F. C. Variables de personalidad asociadas en la dinámica *bullying* (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. *Anales de Psicología*, v. 17, n. 1, p. 37-43, 2001.
- RANGEL, Débora Luiza de Oliveira; QUEIROZ, Ana Beatriz Azevedo. A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa de vida. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, dez. 2008.

SANTOS, Sílvia Reis dos; SCHOR, Néia. Vivências da maternidade na adolescência precoce. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 1, fev. 2003.

STEVENSON, B.A.W.; MATON, K.I.; TETI, D.M. School importance and dropout among pregnant adolescents. *Journal of Adolescent Health*, v. 22, p. 376–382, 1998.

VALLES JUNIOR, R. Q. *How succesful high school students cope with bullying: A qualitative study*. Unpublished doctoral dissertation, Faculty of the Rossier School, Education University of Southern California, Los Angeles, CA. 2007.

VASQUEZ, R.; PIÑEROS, S. Psicopatologia en madres adolescentes. *Pediatrics (Bogotá)*, v. 32, p. 229-38, 1997.

WHO (World Health Organization). *Young People's Health – A Challenge for Society*. World Health Organization Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.